

## ENTREVISTAS RELATIVAS A *O MUNDO LITERÁRIO*\*

Eneida Maria Chaves\*\*

O levantamento da matéria contida em *O Mundo Literário* provocou questões, cujo esclarecimento dependia em grande parte do depoimento de colaboradores e de outras pessoas ligadas à revista. Assim, mantivemos vários contatos no Rio de Janeiro, principalmente com Andrade Murici e Murilo Araújo, que nos apresentou a esposa de Théó-Filho, um dos diretores. Das informações iniciais, passamos, ainda no Rio de Janeiro, em julho de 1975, à realização de uma entrevista gravada com Murilo Araújo. Posteriormente, o material datilografado que a ele enviamos, nos foi devolvido com as correções necessárias.

Usando a mesma forma, em São Paulo entrevistamos o romancista José Geraldo Vieira e Sérgio Buarque de Holanda, em agosto de 1975. Apresentamos aqui o resultado destas três entrevistas, que contribuíram grandemente para elucidar e também enriquecer vários pontos de nossa pesquisa, além de terem trazido elementos sobre a vida literária da época.

### Entrevista com Murilo Araújo

**Pergunta** — Como surgiu a revista *O Mundo Literário*? A quem se deve a idéia de sua criação? Segundo uma informação de Raimundo de Menezes, em seu dicionário de autores brasileiros, teria sido uma iniciativa da Livraria Leite Ribeiro.

**Murilo Araújo** — Penso que foi uma revista projetada pelos dois diretores — Pereira da Silva e Théó-Filho. Para mim, não foi uma iniciativa da Livraria Leite Ribeiro que teria convidado Pereira da Silva e Théó-Filho para dirigirem a revista. Pode ser até que tenha sido assim. Mas eu não tenho esta impressão. Acho muito difícil uma livraria fundar uma revista, principalmente uma revista inteiramente literária. E essa não publicava somente artigos

---

\* Extrato do apêndice ao trabalho *O Mundo Literário: um periódico da década de 20 no Rio de Janeiro*, monografia de Mestrado. Mimeografado, S. Paulo, FFLCH-USP, 1977, 2 volumes.

\*\* Mestre em Letras, FFLCH-USP.

de autores editados pela Leite Ribeiro. Eu, por exemplo, não tinha qualquer vínculo com eles (Livraria Leite Ribeiro ou Livraria Freitas Bastos, depois). Como eu, muitos outros. Tratava-se de uma revista aberta para todo mundo. Uma revista eclética. Naquele tempo, a Livraria Freitas Bastos, situada debaixo da redação d'*O Globo*, era um ponto de encontro de literatos.

P. — Como o Sr. considera a posição de *O Mundo Literário* em relação ao movimento renovador que dominava os anos 20?

M.A. — Tomando-se *moderno* no sentido da Semana de Arte Moderna, o periódico *O Mundo Literário* não foi uma revista exclusivamente modernista. Abria suas colunas também para alguns elementos modernos. Revistas propriamente modernistas só houve três aqui, no Rio, que eu conhecesse. Foram exatamente *Festa*, com Andrade Murici e Tasso da Silveira; uma revista de Manoel de Abreu; e a revista de Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto: *Estética*, que saiu em 1924, na época marcada já pela renovação. Havia revistas tradicionais, poucas, que abriam suas colunas para os novos. Nesse número estão *O Mundo Literário* e algumas revistas de Álvaro Moreyra. Esse, longe de ser reacionário, se associara aos rebeldes de São Paulo; e as revistas que ele dirigiu abriam também as colunas para os renovadores insubmissos. *O Mundo Literário* era porém uma revista diferente de *Estética* e de *Festa*, revistas de grupos. Sua maior qualidade era justamente seu maior defeito: aquele ecletismo, com tudo que ele tinha de bom e também de mau.

P. — Por duas vezes na seção "Notas Literárias" apareceram ataques à revista *Klaxon*. Como se explicam esses ataques, assim como as alusões depreciativas ao Futurismo, no corpo da revista?

M.A. — Era porque se tratava de uma revista aberta a várias correntes: tinha colaboradores passadistas também. Assim, não era uma revista de acordo com nossos ideais, mas que já fazia muito em abrir suas portas para alguns dos nossos. Ela prestou serviços. Era mais ou menos como *Terra de Sol*: também de certo modo liberal, com colunas abertas à gente nova, mas aceitando colaboração de certos elementos reacionários.

P. — De acordo com o levantamento de colaboradores, mais de 15 dos que participaram d'*O Mundo Literário* atuariam depois no periódico *Festa*. Haveria alguma identidade de linha do pessoal d'*O Mundo Literário* com o grupo de Andrade Murici e Tasso da Silveira?

M.A. — A razão do grande número de colaboradores de *Festa* em *O Mundo Literário* é que naquela época não tínhamos muito onde publicar nossas coisas.

P. — O Sr. acha que a revista teve muita repercussão na época? A imprensa acolheu-a bem?

M.A. — *O Mundo Literário* teve alguma repercussão. Mas era uma revista de transição. Imparcial, tinha colaboração de um lado e de outro. Mesmo assim, porém, acho que teve mais comunicação que as revistas propriamente modernistas que ficaram restritas a um grupo ainda muito pequeno de leitores.

P. — Quanto à criação em verso, predominam poesias parnasianas na revista. Que explicação o Sr. encontra para esse fato?

M.A. — Isso refletia a atmosfera daquele tempo. Os verdadeiros novos, os que tentaram criar alguma coisa, eram exceção, muitas vezes desconhecidos ou combatidos injustamente. Naqueles dias o Parnasianismo dominava. Quando eu apareci com meu primeiro livro quase que era proibido fazer outra coisa que não fosse poesia parnasiana. O próprio Simbolismo estava meio esquecido. Eles, os parnasianos, tomavam a forma como um fim, quando a forma é um meio. O essencial é a criação. A forma vai surgindo em função daquilo que vai sendo expresso.

P. — Percebe-se uma certa preocupação nos "manifestos" com idéias de integração do Brasil. Houve alguém da revista *O Mundo Literário* ligado ao integralismo?

M.A. — Propriamente da revista não me consta. Na verdade o que houve naquela época foi uma certa tendência nacionalizante na literatura. A literatura brasileira surgiu querendo tornar-se autônoma, com caráter próprio, com os românticos, com um Castro Alves, um Gonçalves Dias, um Bernardo Guimarães. O próprio Casimiro de Abreu fez a sua poesia com mo-

tivos da nossa natureza, com sentimento brasileiro. Mas os parnasianos voltaram para trás. Começaram a imitar os manifestos dos franceses, começaram a imitar os portugueses. De certa maneira despersonalizaram um pouco a literatura. A minha geração reagiu contra isso. Eu escrevi um artigo na *Gazeta* em São Paulo sobre um livro de estreia de Adelino Magalhães, artigo a que dei o título "À margem de um livro brasileiro". Antes eu tinha publicado um ensaiozinho no suplemento da época: "Nacionalismo literário". Essas tendências apareciam em diversos jovens. Depois se afirmaram mais caracteristicamente com a *Semana de Arte Moderna*, embora no começo da revolução não fosse tão acusado esse sentimento, porque Graça Aranha, por exemplo, era contrário a ele. E daí vieram minhas divergências com o mestre. Ele dizia: "Qual nacionalismo... Nós temos que aprender com os países mais adiantados do que nós". Discordei dele. Eu tinha aplaudido o discurso que o autor de *Canaã* fizera na Academia, rompendo com a literatura estagnada de então, mas não aceitava suas idéias anti-nacionalistas. Não concordei também com a objeção que ele fazia ao subjetivismo, que lhe parecia "um resquício romântico". Eu dizia que, se a arte moderna deforma as coisas, como poderia deformar sem o elemento subjetivo? É esse elemento que transfigura o mundo nas criações novas. Discordando dele é que fiz minha conferência "Modernismo e aranhismo", publicada logo depois em *O Mundo Literário*. Nela tratava-o, entretanto, com todo respeito, mas estabelecendo divergências. Um dos pontos de minha discordância era justamente o nacionalismo. Afirmei que a obra do próprio Graça Aranha tinha caráter brasileiro. Defendi esse caráter nacionalizante não com base política, mas com base sentimental. Só se chega ao universal através do nacional, que é o humano: aquilo que o homem é, a sua família, a sua pátria, quer dizer o setor humano a que pertence. Se ele for sincero, tem que aparecer no seu estilo com esse aspecto particular. Desse modo ele pode interessar melhor os outros. Não é universalizando seu caráter que vai se tornar notório.

P. — A revista *O Mundo Literário* teria revelado uma preocupação nacionalista? Em outubro de 1922, eles apresentaram um número especial fazendo um retrospecto geral, em vista da comemoração do Centenário da Independência.

M.A. — Diretamente esta revista não tinha preocupação nacionalista. Justamente naqueles anos o centenário da Independência acentuou ainda mais essa tendência. O integralismo se orientou desse modo. Quando apareceram os primeiros manifestos integralistas, surgiam de uma situação bem compreensível. Tinha havido a revolução constitucionalista em São Paulo, cidade inteiramente brasileira e democrática. Ela queria acabar com a ditadura e reestabelecer o regime constitucional. Os outros Estados não vieram em socorro dos paulistas. Daí surgiu uma certa animosidade em São Paulo. Houve ali certos momentos de revolta. Dizem que Guilherme de Almeida fez um desacato à bandeira e houve outros pequenos fatos isolados. Reagindo contra isso é que se fundou o integralismo: pela pátria integral, a paz e a união entre os Estados, sem separatismo, sem nada. Teve, na ocasião, a sua utilidade; foi necessário para acabar com esta pequena briga de família: sobrepor a pátria grande a esse sentimento da pequena pátria. O amor à província é de todos os patriotismos o menos defensável. É compreensível o sentimento político da grande pátria, que é a união de todos os sistemas. É compreensível o sentimento pela cidade onde se nasceu, cresceu, amou. Mas a divisão administrativa, a divisão por Estados, é uma convenção. Naquela época um diário de Minas organizou um número dedicado a São Paulo. O Sérgio Buarque de Holanda veio me pedir colaboração para esse número. Eu fiz o meu poema "Brasileiros de São Paulo". É um poema louvando o papel de São Paulo na formação nacional. Outro aspecto que pode ser verificado em *O Mundo Literário*: a preocupação do pessoal da revista em separar a literatura nacional da estrangeira com duas seções distintas — "Literatura Estrangeira" e "Literatura nos Estados" — já era um traço de nacionalismo.

P. — *O Mundo Literário* durou 4 anos. O Sr. não acha que é um tempo bastante longo para uma revista literária?

M.A. — Naquela época não deixa de ser um tempo bem longo, principalmente se o compararmos com a duração das outras revistas. Ela saía com mais pontualidade que as suas congêneres, porque tinha a livraria que a custeava. Não se pode dizer que seus diretores fossem

modernistas: nem o Théó-Filho, nem o Pereira da Silva. Este era um poeta muito conceituado então. Fazia uma arte simbolista, decadentista, mas com uma característica própria, independente. Mas não era modernista. Théó-Filho, nesse tempo, tinha um público enorme. Era um escritor muito lido. Ele perdeu esse cartaz com o advento da renovação literária. A literatura de Théó-Filho era uma literatura naturalista. Interessante, porém. Um caráter brasileiro, uma narrativa espontânea, fácil. Agradava muito. Seus livros tiveram várias edições. Ele escreveu vários romances nessa época. *A Fragata Niterói*, por exemplo, é um romance de caráter histórico muito bem feito, muito interessante.

P. — Na sua opinião, em que medida este periódico contribuiu para o desenvolvimento da literatura brasileira de então? Qual o seu valor e a sua atuação dentro do quadro evolutivo da literatura brasileira?

M.A. — Ele foi um meio de divulgação de nomes. Acho que contribuiu como contribuíram naquele tempo os suplementos literários. Os jornais, naquela época, como *O Globo*, *Diário de Notícias*, *O Jornal*, *A Manhã*, possuíam desenvolvidas páginas de letras. Mesmo os poetas que conseguiam muito cartaz, raramente chegavam a uma segunda edição. Na revista *O Mundo Literário*, a poesia e a prosa apareciam ao alcance do vulgo. Essa a sua maior contribuição.

P. — Lembra-se de algum fato pitoresco relacionado com *O Mundo Literário*?

M.A. — Sim, por exemplo: a "Antologia dos Novos" que o Adelino Magalhães começou a publicar em *O Mundo Literário*, provocou, na época, uma discussão entre ele e Manuel Bandeira. Adelino foi um precursor do Modernismo. O livro dele — *Casos e impressões* — de 1916, já tem caráter impressionista, que coincide com a literatura que veio depois. Ele era, porém, irônico, irreverente, julgava-se injustiçado, porque o seu primeiro livro fora incompreendido e malhado pela crítica de então. A polêmica foi por causa de Ribeiro Couto, devido a um comentário sobre ele, na "Antologia dos Novos", feito por Adelino Magalhães. Lá dizia Adelino ironicamente que Ribeiro Couto era um autor de livros muito interessantes para crianças. Manuel Bandeira, encontrando-se com Adelino, disse: "O Sr. escreveu uma coisa n' *O Mundo Literário* que eu considero uma infâmia". Depois começaram a trocar de saforos, tossidos. Os dois sofriam dos pulmões. Assim, por causa da "Antologia dos Novos" e de sua referência ao alto poeta que era Ribeiro Couto, houve entre os dois jovens e grandes escritores aquele duelo de insultos e pigarros.

### Entrevista com José Geraldo Vieira

Pergunta — Como surgiu a revista *O Mundo Literário*? A quem se deve a idéia de sua criação? Segundo informe de Raimundo de Menezes, em seu dicionário de autores brasileiros, teria sido uma iniciativa da Livraria Leite Ribeiro.

José Geraldo Vieira — Do ponto de vista empreendimento material, essa asserção é verdadeira. Aquela livraria, como firma comercial, era composta pelo velho político Leite Ribeiro e mais dois sócios, um deles, aliás corcunda afabilíssimo, sendo comanditário da casa atacadista de ferragens Hime & Cia. Do ponto de vista empreendimento cultural, a suposta redação (que nunca existiu como escritório) foi constituída por três elementos que não dispunham de capital nem de prática especializada: o poeta Pereira da Silva, funcionário da Central do Brasil (como havia sido Cruz e Sousa) sem a menor desventura quanto ao conceito de "comunicação social"; Théó-Filho, recém-chegado dos bulevares parisienses, mas que aqui no Brasil se tornaria um marginal às rodas literárias; e Agripino Grieco, funcionário do Ministério da Viação e possuidor de certo carisma pessoal por sua língua mordaz; ele próprio se chamava "o Aretino do Meyer", "o Voltaire dos Subúrbios". Como havia dinheiro e por conseguinte orçamento para a impressão e o pagamento da redação, já que os colaboradores seriam gratuitos, os três meteram mãos à obra, havendo muitas possibilidades de êxito porque sabiam quais os elementos que deviam convidar. O próprio interessado, após algumas semanas do convite e da insistência, acabava deixando na Caixa o seu soneto, o seu conto,

o seu ensaiozinho. Não me lembro absolutamente se *O Mundo Literário* tinha anunciantes. Ele viria modificar a vida literária carioca quanto à publicação de inéditos, facilidade esta que só era conseguida em *A Careta*, *Fon-Fon* e *Revista da Semana*, em cujos intervalos ou vãos de anúncios os poetas logravam exíguo espaço e isso mesmo após o visto de Leal de Sousa (em *A Careta*), Mário Pedemeyras ou Álvaro Moreyra no *Fon-Fon*, e não sei quem em *A Revista da Semana*. Eu, por exemplo, quando estudante de Medicina na velha Faculdade da Praia de Santa Luzia desde 14 até 19, sempre nesse largo ínterim publiquei meus contos em *O Jornal* (que ainda estava longe de vir a ser de Chateaubriand; conheço-o em Berlim, na nossa Embaixada, ao tempo de Guerra Duval, como mero correspondente de *O Correio da Manhã*). Se Théo-Filho, com monóculo e tudo não freqüentava rodas literárias, muito menos podia influenciar nelas o boníssimo e santo Pereira da Silva; ambos dispunham, contudo, dum caixeiro-viajante ousado, que era o Grieco. Saindo este, de tarde, do Ministério na Praça 15, passava pelo Café Belas Artes, propriedade do dono da *Galeria Jorge* (a única então existente no Rio), tomava café pago pelos outros, fazia algumas piadas, dirigia-se à *Livraria Garnier*, depois à *Livraria Briguiet* e montava seu quartel na *Livraria Schettino*. Nesses locais é que ele encontraria os prováveis colaboradores para *O Mundo Literário*. Esses centros foram, quando eu ainda era estudante, os locais que eu freqüentava. De volta da segunda viagem à Europa, isto é, já médico, tendo que trabalhar na Beneficência Portuguesa e na Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, eu de fins de 22 até 41 só freqüentei, e isso mesmo de manhã, a *Livraria Garnier*, como satélite eventual de Prudente de Moraes, neto (ele fazia e faz questão desse "n" minúsculo...), de Sérgio Buarque de Holanda, então magérrimo e de monóculo, de Carlos da Veiga Lima e de Américo Facó; mais tarde se incluiria nesse nosso círculo (que da *Garnier* atravessava a Avenida para ir tomar batidas em *A Simpatia*) o triângulo notável constituído por Ismael Neri, Mário Pedrosa e Murilo Mendes.

P. — Como o Sr. considera a posição de *O Mundo Literário* em relação ao movimento renovador que dominava os anos 20?

J.G.V. — Não era uma revista praticamente de sentido moderno. Era de gênero, tipo e finalidade bem diferentes de "Maintenant", "Litterature", "Sic" e demais revistas que saíram de 16 a 22 na Europa, relativas ao movimento Dada e ao movimento proto-surrealista. No Brasil, revista moderna no sentido de vanguarda nós só começamos a ter com a *Klaxon*, primeiro, e depois com *Estética*, *Antropofagia* etc. *O Mundo Literário* era uma revista de pluri-colaboração, não significando uma ala de tendência política ou estética. Mera criação e recriação literária e lúdica.

P. — Então não se conglomerou um "grupo" em redor da revista *O Mundo Literário*, unido por idéias e propósitos afins?

J.G.V. — Não, porque não havia nada mais diferente dum Pereira da Silva, poeta e funcionário público, ao lado de um Théo-Filho, de boulevardier, e ao lado de um sujeito mirabolante como o Agripino Grieco. De maneira que não se formou praticamente um grupo. Como praticamente não havia suplementos literários nos jornais, como era moda fazer revista e como havia alguns literatos encontrados nos locais já citados, naturalmente foram convidados três deles pelo velho Leite Ribeiro para fundar uma revista. O próprio nome, *O Mundo Literário*, já inclui uma generalidade de colaboração e não uma determinada facção como a do pessoal das revistas de Sá Carneiro, de Fernando Pessoa, etc. em Portugal.

P. — Contudo, essa revista encontrou boa aceitação nas rodas literárias da época? A imprensa acolheu-a bem?

J.G.V. — Sem dúvida nenhuma, a revista teve boa aceitação na época. O movimento vanguardista no Rio era confusamente chamado de "futurismo", ou então por uma palavra inteiramente sem nexo para o caso, "penumbriismo". "Penumbriismo" é termo metafórico que pode ser adaptado a algo parecido com simbolismo, mas nunca ao movimento moderno. Mesmo aqui, em São Paulo, a turma que fez o movimento de 22 — tirando o Oswald que era genial e o Mário idem, e tirando alguns pintores, escultores, como Di, Brecheret e Vicente do Rego Monteiro, os outros continuaram a fazer literatura e arte individual. A semana de arte de 22 foi um *happening*. Mas não modificou tudo radicalmente. Apenas, em literatura

o Oswald e o Mário adotaram uma disciplina de movimento. De maneira que o *establishment* continuou a ser mera rotina, não foi abalado, não se viu na obrigação de seguir o que nem os outros sabiam direito o que era. Embora o Oswald com o Pau-Brasil e a Antropofagia tivesse indicado, simbolicamente, exportação do que é nosso e assimilação do que é de fora, só alguns grupos é que pensavam nisso: os novos de Cataguases, o grupo do Norte liderado por Gilberto Freyre. O resto continuou a fazer literatura evoluindo-a fisiologicamente.

P. — *O Mundo Literário* durou quatro anos. Este período significa um tempo bastante longo, e maior até do que a duração de outros periódicos da época. Como o Sr. explica que esta revista tenha durado tanto tempo?

J.G.V. — Porque era nutrida por uma empresa, por uma livraria de sujeitos que não eram livreiros, que não entendiam de livraria, mas que subsidiavam talentos. Quase todos os empregados da livraria eram antigos empregados do velho Jacinto, dono de uma livraria que houve muitos anos no Rio, primeiro na rua da Assembléia e depois na rua São José. Eles não entendiam daquilo, mas tinham dinheiro e intuição. E queriam naturalmente um domínio editorial, no Rio de Janeiro. Porque a *Garnier* e a *Alves* não publicavam mais livros de autores brasileiros há muitos anos. A *José Olympio Editora* e a *Livraria Schimdt* ainda não tinham aparecido. De maneira que a razão era esta: eles podiam pagar uma revista própria. A direção da Livraria era praticamente também a direção da revista no sentido de providências materiais, papel etc. Théó-Filho e Pereira da Silva arregimentavam os colaboradores, e Grieco os dinamizava.

P. — A Livraria fornecendo o dinheiro poderia interferir no sentido da revista?

J.G.V. — Não interferiu em nada. Porque eles não tinham nem redação lá. Não tinham redação em lugar nenhum. Nós apresentávamos nossas colaborações. Eles reuniam aquilo etc. Mas não houve nenhuma orientação que indicasse um movimento polêmico. Ou então que os colaboradores e os leitores se servissem de uma revista como orientação política, tal como aqui em S. Paulo, no caso, os integralistas. E, inclusive, que eu saiba, nenhum desses três — Pereira da Silva, Théó-Filho, Agripino Grieco — aderiria mais tarde a esquerdas ou a direitas.

P. — Na sua opinião, em que outra medida este periódico contribuiu para o desenvolvimento da literatura brasileira daquele período? Qual o seu valor e a sua atuação dentro do quadro evolutivo da literatura brasileira?

J.G.V. — Eles recebiam colaboração de todos os gêneros. De maneira que não se tratava de uma revista que tivesse um ponto de vista estético unívoco. Não era uma revista como (*Klaxon*.)E nem mesmo como a revista que Monteiro Lobato fundou aqui em São Paulo — a *Revista do Brasil*. Esta também era uma revista que não tinha um critério exclusivo, mas onde predominavam os ensaios. Nem mesmo no sentido de colaboração vejo identidade entre a *Revista do Brasil* e *O Mundo Literário*. Ambas recebiam colaboração de diversos setores, mas a *Revista do Brasil* preferia os eruditos. O sujeito que era erudito e tinha sua pesquisa a explicar, era o colaborador preferencial. Contudo, ambas não eram revistas definidas em angulação, eram revistas circulares, centrípetas. Há revistas eminentemente polêmicas que definem um grupo, uma "panelinha", e são muito interessantes. Há outras que são praticamente suplementos, como esta, *O Mundo Literário*. Eu, por exemplo, me lembro que o meu conto "A taça de champanha", minha primeira colaboração neste periódico, fez barulho. O pessoal gostou muito. As revistas de grupo têm um ponto de vista ou filosófico ou estético, enquanto que as outras são pluralistas. Em *O Mundo Literário* se verifica uma heterogeneidade, por exemplo, a partir da redação: o Agripino Grieco era um expressionista verbal, gostava de agredir todo mundo, de fazer piada etc.; não se coadunava, portanto, com o feito plácido, quase franciscano, de Pereira da Silva, que era bondoso, calmo, já fora da época. É preciso ter em conta que parte da nova geração literária no Rio de Janeiro, o grupo democrático, se reunia no Café Belas Artes, na Livraria Schettino, na Livraria Garnier, na Livraria Quaresma. Outra parte, constituída por José Picorelli, Álvaro Moreyra, Felipe de Oliveira, Homero Prates, o grupo aristocrático, se reunia no apartamento de Graça Aranha, perto do Hotel Glória. O primeiro grupo, quando apareceu perto do Teatro Lírico a Livraria Freitas

Bastos, ao lado da Galeria Cruzeiro, não se transferiu para lá, onde aliás nunca chegou a haver rodas literárias. Era um pouco fora de mão. O grupo ficava ali pela Avenida e Ouidor. De modo que não havendo revistas que selesionassem, que formassem grupos determinados, que tivessem um sentido dialético ou um sentido polémico, o recurso primário era colaborar em *Fon-Fon* e em *A Careta*.

P. — De acordo com o levantamento de colaboradores, mais de 15 dos que participaram em *O Mundo Literário* atuariam depois em outro periódico — *Festa*. Qual a diferença substancial de *O Mundo Literário* com o grupo de Andrade Murici e Tasso da Silveira?

J.G.V. — *Festa* nasceu "simbolista". O Murici era praticamente o crítico dos simbolistas brasileiros. Com aquela mania de revistas européias, principalmente Portugal com *Orfeu*, *Águia*, *Presença*, e outras, o grupo simbolista quis reunir-se graficamente também, ter a sua revista. Então seus elementos fundaram *Festa*, com dificuldades de dinheiro etc. Não é que tivesse havido cisão carioca, nada disso. Pelo hábito de todos os movimentos terem a sua revista, o seu balcão, eles fundaram *Festa*. Mas não se infira nem se deduza que o grupo tenha saído de outras revistas para isso. Agripino até assoalhava uma coisa muito engraçada, mas injusta, afirmando que uns sujeitos tristíssimos, encabulados, espectros de viúvos, tinham fundado uma revista com o nome de "Festa", mas que deveria se chamar "Velório". Quanto a mim, sempre fui amigo deles, do grupo simbolista. Inclusive o Andrade Murici descobriu uma coisa interessante que crítico nenhum tinha descoberto até então no meu livro *Ronda do Deslumbramento*: vários contos simbolistas. Ele disse que prosadores simbolistas no Brasil só houve dois: o Gonzaga Duque e eu. *N'A Mulher que Fugiu de Sodoma* tem este episódio: meu personagem sai uma tarde da Livraria Garnier e vai descendo avenida abaixo ao lado de Nestor Vítor. E quando ambos chegaram ali no Obelisco, donde a gente vê o Pão-de-Açúcar e a Barra, o Nestor Vítor olhou para lá e disse: "Coitadinha, não se levanta nunca mais!" E meu personagem: "Quem, quem, dr.?" E ele: "A Europa, menino, a Europa!". Quando isto saiu, o Murici zangou comigo, me interpelou na rua: "Então você faz uma piada daquela com um sujeito tão correto e ainda por cima diz que ele era o único branco que ainda explorava o preto!" E eu respondi: "É que ele só fala no Cruz e Sousa". Eles, os simbolistas do Paraná, andaram uns tempos meio zangados comigo. Esse grupo era muito fechado e específico, diferindo da linha de Alphonsus de Guimaraens de Minas, e mesmo da de Cruz e Sousa. O demônaco Grieco dizia que eram pernetas, por causa do paranaense Emiliano Pernetal Gracejos!

P. — Pereira da Silva era um poeta simbolista também?

J.G.V. — Sim, e não. Era um melancólico, mais às voltas com o *Da-Sean* do que com o *Ego*. Ele não tinha conhecimentos estéticos para ser ortodoxo. Certos supostos simbolistas falavam em "Bruges", "folhas mortas", "outono", essas coisas que não existem no Brasil. Além de Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens, prezo muito Mário Pederneiras, cuja poética intimista e inefável eu não sei se faz parte ou não do simbolismo. Isso de simbolismo sempre existiu, muito antes do Simbolismo com "S" grande. Muito antes de Dada, todos os movimentos revolucionários eram Dada. Surrealismo sempre existiu: na pintura, por exemplo.

P. — Quanto à sua participação especificamente como colaborador em *O Mundo Literário*. Porque o Sr. deixou de colaborar?

J.G.V. — Pelo seguinte motivo: eu era radiologista da Associação dos Empregados do Comércio, além de ter meu consultório de radiologia. De modo que não dispunha de tempo. A não ser à noite; assim, praticamente me dediquei mais ao romance. Foi aqui em São Paulo, de 41 em diante, que comecei a escrever artigos em jornais. *N'A Folha*, principalmente. Depois passei a fazer crítica de Artes Plásticas. No tempo de Schmidt, na Livraria Schmidt, antes de ele vender a livraria para um empregado, houve um jornal cujos diretores foram justamente o Manuel Bandeira e eu. Isso em 32 ou 33.

P. — O Sr. se recorda por que motivo a revista *O Mundo Literário* parou em 1926?

J.G.V. — Acho que foi por causa da morte do Leite Ribeiro. Parece-me, não tenho bem certeza. Ela era uma revista que saía regularmente, porque eles tinham dinheiro. Ela

era paga. Outra razão que deve ter contribuído para ter durado quatro anos: ela era um veículo de propaganda da livraria.

P. — Como participante, nos anos 20, de rodas literárias no Rio, o Sr. teria alguma coisa a acrescentar ao que já disse sob este aspecto?

J.G.V. — Roda literária no Rio, quando eu era estudante, tinha seu eixo na Livraria Garnier. De tarde aparecia a família do Clóvis Beviláqua, ele, Da. Amélia e as filhas; ela surda feito uma porta. Daqui a pouco, aparecia o Nestor Vitor. Daqui a pouco, aparecia e logo saía o Alberto de Oliveira, grandalhão, de fraque, acoladado por Jorge Jobim. Surgia então Alberto de Faria, o Pobre, pois que o seu homônimo era rico. E nós, garotos daquela época, assediávamos a Garnier. Na Livraria Schettino, havia um grupo que geralmente andava em volta do Agripino Grieco. Agripino fazia piada de todo mundo. Por exemplo, Oswald Orico, ele dizia: "Que Oswald Orico, nadal Oswald Úrico". Era um sujeito de expressão muito incisiva, suas palavras tinham gumes. Mas muito inteligente. Eu devo a ele quarenta páginas sobre o meu livro *Ronda do Deslumbramento*. Ele me bota nas nuvens. Mas depois que eu virei romancista, ele nunca escreveu sobre mim. Provavelmente porque eu vim para S. Paulo, e nos perdemos de vista. O próprio estilo de Agripino Grieco era de demolição. Ele foi, bem antes do Oswald, o nosso primeiro "dada", muito embora não estivesse a par desses movimentos no sentido de nomes, de pessoas que faziam vanguardismo na Europa. Mas todos nós, na década de 20, desconhecíamos Rilke, Hoffmannsthal, Saint-John Perse, Camilo Pessanha, Sá Carneiro, Fernando Pessoa etc. Quem no Brasil conhecia isso de fato eram: o Oswald e a Tarsila, porque moraram na Avenida Clichy, naquele tempo; o Mário; também o Ronald de Carvalho, o Sérgio Buarque e o Prudentinho. Depois disso, havia o grupo que era simbolista, mas simbolista de raiz, do Estado do Paraná, de onde vieram Cruz e Sousa, Emiliano Permetta, Silveira Neto e outros. O Murici e o Tasso da Silveira eram chefes do chamado simbolismo. Vivíamos num Rio de Janeiro que era uma província literária. Do movimento Dada, do movimento surrealista, ninguém conheceu nada aqui. Os movimentos em Portugal, iguais a esse, como o paulismo, o intercessionismo, de Santa Rita pintor, do Almada Negreiros, do Fernando Pessoa, ninguém soube desses movimentos aqui no Brasil daquele tempo. Aqui se falava em futurismo. E como o negócio era embrulhado e eles não entendiam, deram a isso o nome de "penumbrismo". São nomes que não se coadunam com o movimento. Os movimentos de 16 a 24 na Europa eram de terraplenagem: revolucionar tudo, acabar com a pintura antiga, com o soneto, com a rima, com a jóia, com o chapéu, com o fraque, com o sapato abotoado de lado. Movimento completamente destruidor, para depois daí reerguer outra coisa. E, de fato, na Europa surgiu o movimento da pintura, o movimento concretista. Antes disso, já tinha havido dois grandes movimentos modernistas no mundo. O cubismo com Braque, Picasso e Jean Gris; e o movimento Dada, de Zurique. Aqui, durante anos, passou completamente despercebido tudo isso.

P. — A não ser esse grupo — o senhor, o Sérgio Buarque, o Prudente de Moraes, neto — houve mais gente no Rio que estava a par desses movimentos de vanguarda europeus?

J.G.V. — Do Rio, que eu saiba, não tinha praticamente ninguém, a não ser uns poucos: o Ronald de Carvalho, por um fato todo especial: é que o Montalvor, da Editora que tem publicado todo o Fernando Pessoa e Sá Carneiro, pertencia à Diplomacia Portuguesa e estava no Rio de Janeiro. Como o Ronald era do Itamarati, dava-se com ele. De maneira que Ronald conhecia esses movimentos havidos em Portugal, em 1917, um ano depois de Dada. Aqui só veio a aparecer em 1922, movimento aliás mais de São Paulo, de Minas e do Nordeste, do que do Rio. Movimento amplo. Quanto ao movimento modernista no Rio de Janeiro, só conheci poucos, como já disse antes, que entendiam mesmo disto: o Prudentinho, o Sérgio Buarque, o Mário Pedrosa, o Murilo Mendes e o Ismael. O Sérgio foi um caso muito importante nesse negócio. Naquela época, ele já conversava comigo sobre coisas que eu, que tinha estado na Europa, não sabia.

P. — Tendo em vista a participação de Graça Aranha no movimento renovador, como o Sr. considera a atuação dele?

J.G.V. — A importância de Graça Aranha no movimento de 22 é a seguinte: ele tinha sido embaixador em Bruxelas. De maneira que conhecia os intelectuais graúdos das capitais européias. Naquele tempo, na Europa, se falava em Picasso, Pirandello e principalmente no movimento futurista, porque o Marinetti era um sujeito de barulho, predecessor do Dalí, a tal respeito. De modo que o nosso Graça Aranha somente aqui no Brasil se interessaria pelo movimento modernista. Ele veio da Europa em 22 justamente, e então emprestou o seu prestígio pessoal aos novos, sobretudo quando fez aquele discurso na Academia. Eu e o Tristão de Ataíde fomos os que deram aqueles apartes na Academia, apartes de que todo mundo ria. Foi o tipo do discurso-manifesto de segunda mão. Um discurso que diz "ou a Academia se renova ou morre" está utilizando apenas e ainda todos os processos retóricos aos quais o movimento modernista é contrário. Mas não se pode subestimar a sua atuação pelo menos como participante do *happening*.

P. — O Sr. participou diretamente da criação de alguma revista nesta época (década de 20)?

J.G.V. — No Rio, o Américo Facó chocava a mania de fundar revistas, mas não tinha dinheiro. Por volta de 23, ou talvez 24, ele me procurou no meu consultório, para nós fundarmos a revista *Pan*. Eu me lembro que financiei a revista e saíram dois ou três números. É interessante este nome de revista *Pan*. Em Viena, no tempo do grande poeta Hugo Hoffmansthal, que foi uma espécie de Rimbaud, pois começou a poesia muito cedo, também contemporâneo de Stefan Zweig, havia uma revista "Pan". É interessante como às vezes o nome, em países diferentes, significa uma atração, uma continuação talvez sem querer de um postulado estético, de um postulado dialético, de um postulado político.

P. — O Sr. esteve vários anos na Europa, de onde somente regressou em fins de 1922. E desde 50 volta até lá quase todos os anos. O que pode dizer do seu contato pessoal com vanguardas européias?

J.G.V. — Quanto a alguns movimentos de vanguarda eu os assisti na Alemanha mais do que na França. Ao movimento Dada, eu não assisti em Zurique, onde ele se deu com Tzara e outros, e sim em Colônia. O movimento de Colônia foi um movimento mais de Artes Plásticas do que de literatura. Eles faziam exposições, mandavam a assistência quebrar tudo. Coisas assim. Depois assisti a algumas das bagunças que houve na sala Pleyel em Paris, em 22, e que a polícia teve que dissolver.

P. — Considerando sua atuação como romancista, como o Sr. se situa neste clima geral de renovação que dominava os anos 20?

J.G.V. — Eu não tomei parte nem na Europa, nem aqui do movimento propriamente modernista, porque no fundo eu sou um barroco. Sou um sujeito que, devido a minha solidão congênita, me impregnava muito de antologias. De maneira que eu me considero, assim, uma espécie de cronista-mor. Sou incapaz de fazer um romance local ou um romance dentro de um determinado momento. Geralmente meu romance abrange várias gerações: pai, filho etc., e se enquadra em momentos seríssimos e excepcionais do mundo: Primeira Grande Guerra, Segunda Grande Guerra, Revolução Russa de 17 etc. De maneira que o tablado dos meus romances sendo geralmente a cidade do Rio de Janeiro, também é o seu trampolim de arremesso. Mas como disse o Jorge Amado, eu levo meus personagens brasileiros para o mundo ecumênico. Não é esnobismo o fato de eu ter várias cenas de romances meus que se passam na Itália, ou em Paris etc. É mera impregnação, recordação da minha mocidade. Eu passei inclusive a minha juventude, quando ginasiato, no Condorcet em Paris, de 12 a 14. Formei-me aqui em Medicina no fim de 19 e fui para a Europa, onde passei o fim de 19, 20, 21 e 22. De maneira que eu sou um romancista diferente nesse sentido de que o episódio, o meta-episódio, o texto, o contexto, o metatexto de meus romances é muito deslocado e centrífugo. Tem vale do Paraíba, com Queluz, Areias, Lorena, fazenda, e tem bairros de cidades européias e bairros do Rio de Janeiro mesmo. Quando voltei ao Brasil, o fato de eu publicar um livro de contos com o nome de *Ronda do Deslumbramento* e esse livro ter saído em 1922, não há nenhuma incoerência. Porque eram contos meus do tempo de estudante, dos quais precisava me livrar publicando-os para então começar minha carreira propriamente dita de

romancista. Eu escrevi *A Mulher que Fugiu de Sodoma* em 1924; de um sábado de Carnaval à quarta-feira de cinzas, na Tijuca. Mas fiquei com este livro guardado sete anos na gaveta, até que Hamilton Nogueira e Augusto Frederico Schmidt o arrebataram numa gaveta. O poeta-editor o publicou. Hoje, graças a Deus, não me faltam editores, porém me repugna promover-me. Só fui *best seller* com *A Mulher que fugiu de Sodoma*, *A Quadragésima Porta* e *A Ladeira da Memória*.

P. — Quanto às Artes Plásticas, que linha o Sr. adotou para a sua crítica?

J.G.V. — Em Artes Plásticas eu sempre optei pelo modernismo; sou crítico de Artes Plásticas há muitos anos. Participei de onze bienais, como membro de júri eleito pelos artistas; e fui também presidente internacional da Bienal duas vezes.

P. — Sua função de crítico de Artes Plásticas não teria, até certo ponto, prejudicado sua vida de romancista?

J.G.V. — Há o seguinte fato que parece uma contradição: eu fui prejudicado pelas Artes Plásticas quanto à minha vida literária. O fato de ter diariamente que atender em minha casa a artistas, que vinham pedir apresentação para os catálogos de suas respectivas exposições, o fato de eu ter que escrever crítica e, portanto, precisar percorrer as galerias de São Paulo, não me deixavam tempo para a literatura. O tempo que eu gastei escrevendo na revista *Habitat* ou no jornal *A Folha*, podia ter empregado em literatura. Mas, em contrapartida, possuo uma grande coleção de artes visuais. De maneira que entre os meus romances há intervalos grandes. Embora alguns tenham sido escritos em dias, outros o foram em anos. Por exemplo, *A Ladeira da Memória* eu escrevi em quinze dias. *A Túnica e os dados*, eu escrevi em quatorze dias. Mas em compensação, *A Quadragésima Porta* eu levei uns dez anos escrevendo, emendando, cortando. *O Terreno Baldio*, idem. Agora por exemplo, para a 4ª edição d'*A Mulher que Fugiu de Sodoma*, que a Melhoramentos me pediu, eu levei uns seis meses emendando a 3ª edição. Primeiro a necessidade de cortar aquilo que virou folha seca. Segundo respeitar o critério de leitor, e não de autor. Precisa ver a adjetivação. Urge considerar que, depois de uma grande guerra, a sensibilidade da gente se modificou formidavelmente. O sujeito que levou a ler telegramas de jornais, ou que esteve presente aos grandes fatos do mundo (invasão da Checoslováquia, Polônia, França etc.), sofreu grandes alterações na sua sensibilidade, sofrendo com o espírito e com os sentidos. De maneira que o leitor de hoje só pode se comover com um livro que tenha uma vibração diferente da antiga, da anterior. Assim, eu me vi como leitor de mim mesmo, agora. E como a 4ª edição é uma edição a sair já, praticamente não modifiquei nada no texto, apenas coaptei melhor a expressão ao conteúdo.

#### Entrevista com Sérgio Buarque de Holanda

Pergunta — Como surgiu a revista *O Mundo Literário*? A quem se deve a idéia de sua criação? Segundo uma informação de Raimundo de Menezes, no seu dicionário de autores brasileiros, teria sido uma iniciativa da Livraria Leite Ribeiro.

Sérgio Buarque de Holanda — Tenho a impressão de que surgiu como iniciativa da Livraria Leite Ribeiro que teria entregue a Pereira da Silva e a Théó-Filho a direção. Mas deram a revista a duas pessoas inteiramente antagônicas. Não sei como combinavam o poeta e o romancista. Puseram um poeta que não tinha muito sucesso, mas com alguns admiradores devotados. Pereira da Silva era um poeta simbolista muito sério. Um sujeito meio místico, muito triste no aspecto, mas boa pessoa. Já o Théó-Filho fazia uns romances que obtinham seu sucesso popular na época. Não era um romancista de classe, mas fazia seu sucesso pela década de 20. Fazia romances para vender e vendia muito. Não sei se algum dia cheguei a ler alguma coisa dele, mas havia quem o admirasse. Depois ninguém mais ouviu falar no seu nome. Quando o conheci, acabava de chegar da Europa e creio até que escreveu uma narrativa dessa viagem. Era extremamente prolífico e as pessoas graves acusavam-no de explorar temas escabrosos. Talvez sem razão. Dois romancistas populares que não tinham muita cotação no meio intelectual, mas vendiam muito, eram justamente o Théó-Filho e Benjamin Costalat.

Théo-Filho dizia que queria ser o Balzac brasileiro, sinal de que devia ter lido ao menos seu Balzac. O autor não queria ter modelos e preferia ser o primeiro de uma linhagem. Como Napoleão!

P. — Como o Sr. considera a posição de *O Mundo Literário* em relação ao movimento renovador que dominava os anos 20?

S.B.H. — Foi numa posição representativa do tempo, de várias correntes e sub-correntes. De preferência, pendia para os valores acadêmicos e tradicionais. Não havia muita escolha e por isso contava com muitos colaboradores. Havia de tudo. Mesmo os modernistas, quando quisessem colaborar, eles os aceitavam. Não marcou uma corrente, assim. Não havia sentido de grupo. Naturalmente, o pessoal da revista tinha interesse em agremiar toda uma gente. A Livraria mais ainda.

P. — O Sr. acha que esta revista encontrou boa aceitação nas rodas literárias da época? Teve repercussão? A imprensa acolheu-a bem?

S.B.H. — Eu não me lembro. Não havia muitas revistas naquele tempo. Havia aqui em São Paulo a *Revista do Brasil*, que não se modernizou, pelo menos até que Paulo Prado passou a ser um dos seus responsáveis. E *O Mundo Literário* estava aberto para quem quisesse publicar. Era até mais bojudado do que a *Revista do Brasil* ficando espaço para todos. O pessoal do Rio, por exemplo, com poucas exceções, não conhecia pessoalmente Monteiro Lobato. Pelo fato de não ter uma cor intelectual definida, *O Mundo Literário* não deve ter marcado tanto.

P. — *O Mundo Literário* durou quatro anos. Este período significa um tempo bastante longo, e maior que a duração de outros periódicos da época. Como o Sr. explica que esta revista tenha durado tanto tempo?

S.B.H. — As outras revistas como *Klaxon*, eram dirigidas por pessoas que nelas perdiam dinheiro. Por exemplo, *Estética* que fiz com Prudente de Moraes, neto. Em resumo, dependiam dos fundadores. Já *O Mundo Literário*, mesmo que desse despesas ou prejuízo, tinha a livraria que custeava. Não era coisa que afetasse a livraria, porque era a maior do Rio. A Garnier era antiga, tradicional. Mas em dimensões e em acervo a Leite Ribeiro era maior. De maneira que eles tinham capital para sustentar uma revista, mesmo com prejuízo. A Livraria tinha interesse em mantê-la, porque lhe dava certa força. Queriam formar um ponto de reunião, um núcleo como a Garnier era e tinha sido tradicionalmente. A Livraria Leite Ribeiro era grande, enorme, tinha dois andares, ambos atropetados de livros. Assim, era livraria de grande movimento e girava com largo capital. O prejuízo que podiam ter com a revista, seria pequeno, em confronto com os lucros. A revista foi um veículo de propaganda da Livraria. Como já disse, a Livraria tinha esse objetivo: formar um núcleo lá dentro. Para a Livraria era interessante, porque lá iam se encontrar os escritores. Dois jornais — *O Globo* e *O Correio da Manhã* — ficavam a pequena distância. Assim, jornalistas também iam muito à livraria.

P. — Na sua opinião, em que medida este periódico contribuiu para o desenvolvimento da literatura brasileira do período? Qual o seu valor e a sua atuação dentro do quadro evolutivo da literatura brasileira?

S.B.H. — Havia poucas revistas na época. O pessoal de *O Mundo Literário* tinha grande interesse em artigos. De maneira que quem os tinha, levava-os para lá. Eles não faziam muita escolha. Tinham as portas abertas para todo mundo. Só quando o trabalho lhes parecia muito ruim, é que não colocavam. Coisa medíocre, como eram muitas das minhas próprias colaborações, ficavam para encher a revista. A revista serve para espelhar o gosto médio dos leitores da época, mas de novo não trouxe nada. Lembro-me bem do Leite Ribeiro, dono da Livraria. Diziam que havia sido prefeito do Rio. Mas nunca investiguei o assunto. Só sei que um belo dia ele se cansou daquilo lá e vendeu a livraria para uma firma nova. Passou a chamar-se Livraria Freitas Bastos. Mudou de lugar e de nome, mas ainda existe como Freitas Bastos.

P. — A Livraria Leite Ribeiro, bem como a Freitas Bastos, mais tarde, teriam funcionado de 1922 a 1926 como um local de encontro? Segundo um comentário de Haroldo Daltro no corpo de *O Mundo Literário*, os escritores se reuniam na livraria, que ficou como um ponto de encontro.

S.B.H. — Ponto de encontro tradicional é a Garnier, onde havia sempre viva a lembrança do tempo em que a frequentou Machado de Assis. Mas a Garnier, apesar de não ter revista, continuava a ser o grande ponto de encontro. Ao passo que a Leite Ribeiro e depois a Freitas Bastos eram lugar de passagem de gente apressada. O grupo de *Festa* que frequentava lá, Andrade Murici, Murilo Araújo e outros, era um pessoal ligado ao Pereira da Silva, muito mais velho que eles. Era um poeta simbolista carioca.

P. — O Sr. colabora em sete número de *O Mundo Literário*. Em janeiro de 1924 (ML, 21) aparece a primeira parte do estudo "S. Paulo na Literatura Brasileira". Não veio, porém, a continuação prometida e o senhor não voltou a colaborar. Houve um motivo para esta interrupção definitiva em janeiro de 1924?

S.B.H. — Houve um motivo para esta interrupção, que realmente foi definitiva. Eu não sei quem me convidou para colaborar na revista. Acho que foi o Agripino Grieco, mas não tenho certeza. Eu dava um panorama da literatura de São Paulo. Depois parei de colaborar porque houve um problema. Sabe de um Assis Cintra que também colaborava? Fazia uns trabalhos vagamente históricos. Certa vez publicou um artigo (não sei se n'*O Mundo Literário*) onde pretendia ter descoberto a verdadeira fonte de *Romeu e Julieta* de Shakespeare. Não seria, segundo ele, da novelística italiana do Renascimento e sim em certo episódio da Corte inglesa do começo do século XVII. Não me custou descobrir que o referido episódio ocorreu muito tempo depois de escrita e representada pela primeira vez a peça. Tratei logo de escrever um artigo onde mostrava claramente o erro de Cintra. Não quiseram publicar, porém, por se tratar de um colaborador da revista. E nem sequer recebi de volta o artigo. Depois disso nada mais publiquei na revista. Evidentemente ninguém perdeu nada com minha saída.

P. — Qual a posição de Agripino Grieco em relação ao movimento modernista? Aderiu mais tarde ao movimento? Tinha uma posição adversa na década de 20?

S.B.H. — No começo não tinha uma posição contrária. Mas no momento em que começaram a atacar a Academia, ele se ligou ao movimento. Lembro-me de que, quando houve a conferência do Graça Aranha, rompendo com a Academia, ele foi dos que mais aplaudiam a conferência. Quando se ergueu Coelho Neto, que respondeu a Graça, o Grieco gritou: "Esse tem cento e tantos volumes que ninguém leu, mas pelo menos trabalhou. Pode falar". Mais tarde criticaria por sua vez o próprio Graça.

P. — Nos "manifestos" e também no corpo da revista há uma grande preocupação com "integralizar o Brasil", "integralização", "raça" etc. Haveria uma ligação do pessoal da revista com o movimento integralista que eclodiu mais tarde?

S.B.H. — Não. Apenas sei de um colaborador da revista que seria integralista mais tarde: o Madeira de Freitas (Mendes Fradique). Foi mesmo um dos chefes do integralismo, ao lado de Plínio Salgado e Gustavo Barroso (João do Norte). Gustavo Barroso também frequentava a Livraria Leite Ribeiro e colaborava na revista. Mendes Fradique teve revista humorística *A Banana*. Esta juntamente com Théó-Filho, se não me engano.

P. — Manuel Bandeira na *Gazeta de Notícias* criticou a sua participação como colaborador em *O Mundo Literário*. "Sérgio Buarque colabora com cinismo em *O Mundo Literário*". Como o Sr. vê esta referência de Manuel Bandeira?

S.B.H. — Eu não tinha muito a noção do meu cinismo. Se é que havia.

P. — O Sr. se recorda por que motivo a revista *O Mundo Literário* parou em 1926?

S.B.H. — Eu estava meio fora da revista nesta ocasião e não sei ou não tenho lembrança da causa do desaparecimento. Acho que morreu de cansada.